

Os Pontos Essenciais (dos estágios) de Criação e Conclusão que Beneficiarão o Iniciante que Entrou no Caminho

[1] Prosterno-me a Pema Nyinje Wangpo
inseparável do Vajra Nascido do Lago, que manifesta
a absorção infalível da felicidade-vacuidade, estável e permanente,
emanando e se dissolvendo numa centena de formas.

[2] Nestes tempos difíceis,
uma pessoa comum e estúpida como eu se torna exausta
ao tentar explicar o significado vasto e profundo!
Ainda assim, meu amigo-*vajra* me implorou,
e talvez possa ajudar alguns tolos como eu.
Então eu confio nas bênçãos do glorioso guru
e falo livremente sem reservas.

[3] Você tem agora a oportunidade preciosa da vida humana, tão difícil de encontrar;
não somente como uma pessoa comum, mas como alguém que encontrou o Dharma
e que foi aceita por um professor, a manifestação pessoal do Buda,
você pode buscar a quintessência mais profunda do Dharma
e escolher o melhor dentre os gurus.
Enquanto você tiver essa chance, e todas as condições favoráveis ao Dharma
tenham sido acumuladas, ainda que você não realize o benefício de outros,
pelo menos pratique para seu próprio benefício.
Senão, na hora da morte, hora esta que é incerta,
não há o que quer que seja que possa ajudar, a não ser o Dharma.
Até mesmo a fortuna de um monarca universal é simplesmente deixada para trás no
leito de morte.
Ações positivas e negativas se aderem à consciência e,
não sabendo o que fazer, nem mesmo o arrependimento ajudará.
Deste exato momento em diante, sem demora,
você deve se empenhar na prática da virtude com corpo, palavra e mente.

[4] A única pedra angular da prática é a renúncia.
A única porta de entrada na prática é o respeito.
A única abordagem à prática é a compaixão.
A árvore-da-vida da prática é o empenho determinado.
Praticar de forma constante é estar conscienciosamente lúcido.

A remoção dos obstáculos à prática é a fé nas Três Joias.

A potencialização da prática é a devoção ao guru.

A prática inequívoca é a instrução do guru.

O ponto essencial da prática é que o conjunto das Três Raízes combinadas com todas as mandalas pacíficas e iradas surgem como manifestação do guru – isto é suficiente.

[5] Os indivíduos mais afortunados são aqueles que se desenvolveram em vidas passadas,

que já alcançaram a plena capacidade da devoção, e que nascem como grandes seres superiores.

Para eles, ainda que não sigam as etapas da prática,

a percepção da verdadeira natureza da realidade (*dharmatha*) é possível.

Para todos os demais, é como disse o nobre Nagarjuna:

ouvir o Dharma conduz à contemplação,

e da contemplação surge a experiência da meditação – esta é a sequência.

Assim, se você abandonar a distração e for continuamente diligente,

primeiramente a inteligência que surge da escuta

conduzirá à compreensão das características gerais dos fenômenos da existência cíclica (*samsara*) e sua transcendência (*nirvana*).

Então, a contemplação pacificará o apego grosseiro à realidade das aparências ilusórias,

a meditação desenvolverá a experiência direta definitiva da (natureza da) mente, e assim por diante.

Desta forma, os estágios prévios agem como causas para o surgimento deste último.

Quando este não for o caso, é como se se desejasse resultados sem causa alguma.

Você poderia alegar que sua acumulação, purificação e prática são as mais excelentes, lamentando as dificuldades de uma prática que seria meramente conjectural.

Este tipo de experiência não conduzirá à convicção.

Sem convicção, você permanece estagnado em dúvidas,

e a dúvida é o obstáculo supremo singular.

Quando a convicção surge por meio da escuta, da contemplação e da meditação,

ainda que alguém diga “esta meditação te levará ao inferno”,

você não se amedrontará, e permanecerá extremamente confiante.

[6] O ponto essencial de todos os métodos do Dharma ensinados pelo Buda pode ser resumido como o método de treinamento da mente.

A porta de entrada à prática inicial da mente

é certamente a renúncia, sem a qual não há caminho.

Uma vez surgida a renúncia autêntica, as atividades compulsivas serão poucas;

uma vez que as atividades forem poucas, o significado da não-ação estará próximo.

Quando a não-ação for realizada, esta é a verdadeira natureza.
Não há realização última fora disso.

[7] Há muitas categorias de visão, meditação e ação,
mas quando aplicadas à própria mente,
a visão é a convicção absoluta na verdadeira natureza;
a meditação é assimilar o sentido disto no seu próprio ser;
e a ação é reconhecer o que quer que aconteça como essa visão e essa meditação.
Consequentemente, o fruto será a verdadeira compreensão das coisas tais como são.

[8] A raiz do engano é o apego da própria mente
às aparências exteriores como sendo verdadeiramente existentes.
Quaisquer das meditações dos estágios de criação e conclusão que forem empregadas,
todas são métodos para reverter este apego à realidade das aparências ilusórias.
Se os hábitos teimosos de apego e aversão não forem revertidos,
a meditação será tão insignificante quanto um esquilo hibernando em um buraco.
O estágio da criação é a natureza vasta e imaginativa do potencial criativo (da mente),
e o estágio da conclusão é a profunda natureza perfeitamente existente da realização
última.

Estes são os nomes e definições que foram ensinados.

Também são descritos, respectivamente, da seguinte forma: com ou sem elaboração.

Já que ambos são exclusivamente a intenção infalível dos vitoriosos,
que reconhecem as diferentes capacidades dos indivíduos,
não há que se dividir entre bons e maus métodos.

O ponto é praticar aquele que seja mais adequado ao seu nível de prática.

[9] Na abordagem *vajrayana*, com seus muitos métodos e poucas austeridades,
uma pessoa inteligente com faculdades aguçadas
pode adquirir as duas acumulações durante todas as atividades,
e, dessa forma, jamais realizar uma ação insignificante.
De fato, esse não é o tipo de prática indicada para os tolos com visões errôneas.
Ao ter pouco apego à realidade de qualquer coisa que surja,
com uma devoção bem alicerçada e crença no caminho dos métodos
e tenacidade na busca do significado do resultado,
as realizações, comum e suprema, serão alcançadas mais rapidamente do que um
convidado convocado!

[10] Todos os fenômenos são classificados em duas verdades:

a verdade relativa se relaciona à delusão,

e a verdade absoluta se relaciona à natureza última.

O termo "verdade" é empregado por ser algo sem engano.

Se você compreender que as duas verdades são inseparáveis, como a lua refletida na água,
então a superação das aparências ilusórias estará próxima.

[11] Não há dúvidas de que tanto o caminho convencional quanto o caminho definitivo levam ao estado de Buda, mas há trajetos mais curtos e mais longos. O destino pode ser o mesmo, como por exemplo, Lhasa, mas é possível ir até lá a pé ou voando pelos ares. Até mesmo num caminho curto, uma pessoa com pouca inteligência não será capaz de alcançar o conhecimento superior, e permanecerá no nível ordinário. Ao desdenhar daquilo que é inferior e não ser capaz de compreender o que é superior, tal pessoa falará sobre vacuidade enquanto nega a lei de causa e efeito, tagarelando sobre a visão enquanto engana a si mesma. Melhor seria dedicar-se ao caminho gradual.

[12] Ao entrar no caminho, há a abordagem do sutra (*sutrayana*) e do mantra (*vajrayana*), e há uma vastidão de métodos para segui-los. O onisciente ensinou que a síntese da prática do sutra é evitar completamente a prática de ações não virtuosas, praticar virtude, e dominar a mente, enquanto a síntese da prática *vajrayana* é a meditação nos estágios de criação e conclusão. Uma vez que a mente é a raiz de todos os fenômenos, é crucial controlá-la desde o início. Sem controle mental, (o praticante) pode passar vidas e vidas realizando práticas de recitação e visualização, sem alcançar como resultado a iluminação. "Controle mental" é a capacidade de controlar emoções perturbadoras. Existem três métodos para controlar as emoções: rejeição, transformação e reconhecimento. Rejeitar as emoções é a abordagem comum encontrada nos sutras. Renuncia-se ao desejo por meio da contemplação da repulsa, o ódio por meio da contemplação do amor, e a estupidez por meio da meditação sobre a interdependência.

[13] A abordagem incomum do *vajrayana* é transmutar as emoções perturbadoras. Quando o desejo surge, você medita em Amitabha, ou numa deidade como Heruka em união (com a consorte). O pensamento de desejo é transformado na deidade. Outras emoções são tratadas da mesma forma.

[14] A abordagem excepcional é reconhecer a verdadeira natureza das emoções perturbadoras.

Quando pensamentos de desejo surgem vividamente,

ao olhar diretamente para sua essência, eles desaparecem por si mesmos.

Este é o florescimento do *mahamudra*: felicidade (êxtase) e vacuidade inseparáveis.

Isso também é conhecido como a consciência primordial discriminativa (*sossor topa yeshe*).

Jamais houve algo a se rejeitar, aceitar ou transformar; tudo está contido na mente.

Saiba que não há outro propósito de um Buda que não seja simplesmente (alcançar) a própria mente sem fabricação.

[15] De acordo com Gyalwa Yangon, há um método para praticar todas as três abordagens numa única sessão de prática.

Por exemplo, assim que um pensamento de desejo surgir, reflita: "De agora em diante, até que alcance a iluminação, vou erradicar os pensamentos ordinários de desejo."

Dessa forma, estabeleça a atitude da rejeição.

Então, imagine que qualquer que seja o pensamento de desejo que esteja nas mentes de todos os seres através do espaço, causando experiências insuportáveis de sofrimento, bem como o desejo que gera obstáculos para os que praticam o Dharma, todos são incorporados no seu próprio desejo, e a mente dos seres se torna livre deles.

Então, considerando que você vai utilizar esses pensamentos de desejo para praticar os dois estágios e assim estabelecer todos os seres no estado de Vajradhara, medite que você instantaneamente se torna um *heruka*, como Chakrasamvara, masculino e feminino em união, com todos os ornamentos.

Quando você identifica sua consciência com a deidade masculina e visualiza a deidade feminina com muita intimidade, ainda há o perigo de que o efeito nocivo do desejo ressurgja, resultando numa perda de energia vital e até mesmo te colocando sob o domínio do desejo.

Em geral, não é apropriado buscar pensamentos mundanos e emoções perturbadoras enquanto se medita na deidade.

Imagine que seu lama-raiz, magnífico e poderoso, está sentado num assento de lótus sobre uma lua.

Reze sinceramente, de novo e de novo, pedindo pelas bênçãos de que os pensamentos de desejo que ocorrerem na sua mente surjam como a consciência primordial do discernimento. Então, olhe diretamente para sua própria mente, (reconhecendo) a inseparabilidade entre a deidade, o guru e a emoção.

A meditação deve ser mantida do momento que a emoção surge até o momento em que ela se dissolve.

Após, faça uma prece dedicando perfeitamente o mérito resultante desta prática, como, por exemplo:

“Por esta virtude, possam os pensamentos de desejo de todos os seres sencientes iludidos e os obstáculos aos estágios e caminhos dos praticantes do Dharma serem eliminados, e a felicidade-vacuidade do mahamudra ser realizada.”

Aplique esse tipo de meditação também ao ódio e à estupidez.

Para pacificar o ódio, é especialmente eficaz meditar na divindade.

[16] A fase de criação é principalmente para minar a aparência ilusória da realidade ordinária,

e o estágio de conclusão para minar o apego à realidade desse estágio de criação em si.

A realização de Vajradhara em uma única vida

não será alcançada se (os estágios de) criação e conclusão forem separados.

Mesmo que a unidade (dos estágios de) criação e conclusão seja a abordagem profunda,

até que o movimento dos pensamentos surja como sendo a própria meditação,

esta não será a verdadeira prática da unidade, então você deve alternar a prática deles.

A unidade artificial é uma fabricação mental e deve ser abandonada.

[17] Na meditação da fase de criação existem quatro aspectos dos quais você deve ganhar pelo menos alguma compreensão:

a base de purificação, o que é para ser purificado, o que purifica, e o resultado de purificação.

A base da purificação é o atemporal domínio não-composto dos fenômenos (*dharmadhatu*) que permeia totalmente todos os seres como a natureza de Buda (*deshe ningpo* ou *tathagatagarba*).

Assim, os seres sencientes também possuem as qualidades do corpo da realidade (*dharmakaya*), tais como as marcas e sinais que existem como um aspecto integral da consciência: esta é a base para a purificação.

Aquilo que está por ser purificado é a mancha incidental de delusão que surge da ignorância sem começo, e que obscurece esta natureza de Buda.

Um exemplo seria o sol obscurecido por nuvens.

A luminosidade solar é a capacidade de manifestar qualidades inerentes.

As nuvens são manchas incidentais que surgem e podem desaparecer.

Obscurecimentos emocionais e cognitivos e outros relacionados à absorção meditativa são o que deve ser purificado.

Aquilo que purifica são as muitas diferentes formas de yogas,

tal como a criação dos cinco fatores reais de iluminação, os quatro vajras,

e os três rituais, que purificam, respectivamente,

nascimento uterino, nascimento do ovo, e nascimento do calor e umidade.

O nascimento milagroso é purificado pela criação instantaneamente completa.

Embora os estudiosos tenham aplicado muitas explicações conflitantes, poderíamos sumarizar no conhecimento que, de fato, não há nenhuma contradição. Na meditação, desde a fase inicial na visualização da divindade até a fase de sua dissolução,

cada ritual tem sua própria sequência, mas de forma geral:

a base na qual a purificação acontece é a própria natureza de Buda; aquilo que é purificado é a delusão da consciência “infantil”: desde o momento em que “entra (numa matriz)” e nasce, até o momento do estágio intermediário de morte (*bardo*).

Existem diferentes sequências rituais nas antigas e novas tradições, mas no que diz respeito à purificação das manchas das emoções ilusórias, elas são as mesmas.

Por exemplo, para doenças dos olhos primeiramente se usa um bisturi, ou se administra oralmente substâncias para resfriados ou aquecimento para desequilíbrios de calor ou frio, o remédio particular depende do tipo de doença.

Existem tantos métodos de purificação como existem problemas a serem purificados. Para os olhos, sejam eles restaurados com instrumentos ou curados com medicamentos, para aliviar a dor e o sofrimento, é o mesmo.

Similarmente, existem várias sequências rituais nas novas e antigas tradições, mas na medida em que todas elas purificam os pensamentos das emoções perturbadoras, não há diferença.

Resumidamente, a maneira pela qual os rituais purificam é a seguinte: a meditação na absorção da vacuidade purifica a experiência de morte anterior. A meditação na absorção de tudo o que se manifesta purifica o corpo mental da existência intermediária.

A absorção da causa: meditação no lótus, assento de sol e lua, purifica a base física, o esperma e o óvulo dos pais, branco e vermelho.

A meditação na sílaba-semente purifica a consciência entrante.

A transformação em implementos e novamente a meditação nas sílabas-semente Purificam os estágios fetais redondo, oval, alongado e assim por diante.

A forma totalmente completa (da divindade) purifica o nascimento do corpo desenvolvido.

A bênção dos três lugares purifica os padrões habituais do corpo, fala e mente.

Esse método dos cinco fatores de iluminação que purificam o nascimento do útero pode ser aplicada de uma forma semelhante às outras.

Em alguns dos mais elevados yogatantras do vajrayana, o “detentor *vajra* - causa” corresponde à clara luz da experiência de morte, o “detentor *vajra* - resultado” para alcançar a existência intermediária,

e a emanção dos órgãos em união corresponde ao padrão habitual do esperma, óvulo e vento vital (*lung*) combinados, e purifica a base física da existência.

A absorção sequencial das três letras purifica os três estágios da experiência: aparência, desenvolvimento e realização;

e as gotas vitais purificam as aparências branca e vermelha - e ainda há muito mais, entretanto, entendendo isso compreende-se o resto.

A absorção da deidade de sabedoria (*yeshe sempa*) purifica os meios hábeis e treinamentos.

O selo das iniciações purifica o legado (cármico) que enseja o nascimento.

Homenagem, confissão, oferendas e louvor purificam o prazer pelos objetos sensoriais.

A recitação do mantra purifica a tagarelice.

A fase de conclusão purifica a experiência de morte dessa vida.

E o ressurgimento na forma da deidade purifica a existência intermediária.

Sem ir mais longe, isso resume tudo.

No início a tomada de refúgio e geração da mente do despertar (*bodhicitta*), e ao concluir as aspirações finais e a dedicatória.

Isso também é indispensável na abordagem do Grande Veículo (*Mahayana*).

Consagração de oferendas, festins e outros são maneiras adicionais por meio das quais se pode concluir as duas acumulações sem esforço.

[18] A base da purificação, que é propriamente a natureza de Buda, reside no corpo (da deidade), com seus sinais e marcas *vajra* perfeitamente claros.

Uma forma similar é usada como sendo o caminho e leva

à fruição e purificação: essa mesma forma divina que existe enquanto base.

No momento da fruição última da verdadeira liberdade:

isso é o que se chama "obter o estado de *Vajradhara*".

[19] Quer o praticante medite na versão elaborada, quer na versão concisa do estágio da criação, há três pontos principais:

a claridade da forma purifica o apego ao objeto aparente,

lembrar da pureza liberta o praticante do apego à corporeidade,

e manter o orgulho da deidade subjuga o apego ao ego habitual.

Quanto ao primeiro, inicialmente visualize cada parte separada, como a cabeça, as mãos, os pés, e assim por diante,

e quando estiver um tanto habituado a isso, medite com clareza na forma (da deidade) completa.

Quando a meditação não estiver estável e pensamentos virem e irem,

foque sua consciência num implemento, como um *vajra* na mão.

Se estiver extenuado, foque nas pernas cruzadas, e se estiver afundando,

foque numa joia na coroa da deidade.

Se não houverem muitos pensamentos ativos, mas a forma estiver imprecisa ou turva, coloque à sua frente uma imagem ou estátua que seja bem-feita e adequadamente pintada, e, sem pensar, olhe para ela por um longo tempo. Então, imediatamente transforme seu corpo nessa imagem. Isso irá aprimorar sua meditação.

[20] Você pode se lembrar das purezas apropriadas, mas esse exercício mental pode acabar apenas gerando pensamentos discursivos. Para o iniciante, isso pode gerar uma meditação imprecisa e dispersa. É mais adequado meditar na forma da deidade vazia e luminosa, como um arco-íris, e saber que é sua própria mente que produz essa experiência. A mente em si, intrinsecamente livre de qualquer fundamento, é vacuidade, e a manifestação de suas qualidades especiais é o surgir de formas como rostos, mãos e ornamentos.

[21] Não medite no orgulho; elimine a raiz do apego ao ego. Quando o apego ao ego for destruído, seja qual for o foco da sua mente, a sua essência surgirá vividamente. Dessa forma, por meio do estágio de criação, com diligência, enquanto o praticante medita, o impacto das aparências "reais" será reduzido, e, sem meditar, a deidade surge. Essa é a experiência inferior da aparência luminosa. Quando todas as aparências ilusórias surgem como a deidade e seu palácio divino, quer o praticante medite ou não, essa é a experiência intermediária da aparência luminosa. Quando todos os seres, com forma ou sem forma, enxergam o meditador como sendo a deidade, essa é a experiência superior de aparência luminosa, chamada amadurecimento da sabedoria na tradição Antiga.

[22] A clara forma da deidade é a aparência luminosa da sua própria mente, e as experiências insatisfatórias também são! Dessa forma, também é a mente que deseja claridade e tenta sucessivamente, e a mente é a deidade de sabedoria e o guru. Tudo é a aparência da mente, e ainda assim, a mente em si é sem fabricação. A beleza desse ponto essencial da prática dos dois estágios é que não importa qual dos muitos estágios de criação você pratica, se você aplicar lucidez clara e atenção plena, meramente sem distração,

quando a meditação estiver clara, ela surge como claridade-vacuidade, e quando obscura, ela surge como obscuridade-vacuidade.

[23] Em geral, o estágio de criação é fabricação (artificial) mas o caminho da fabricação leva ao estado natural autêntico. Com convicção na falta de realidade na raiz ou base do apego ilusório às aparências ilusórias, descansar no estado primordial é o estágio de conclusão em si mesmo, o próprio estado natural. O primeiro estágio é o significado provisório, e o seguinte é o significado definitivo.

[24] É dito que se você compreende a mente, você conhece todas as coisas, mas se você não a compreende, conhecer todas as coisas apenas obscurece a mente. O grande mestre Nobre Nagarjuna disse: "Quando há a apropriada compreensão da vacuidade, tudo é apropriado, E quando não há apropriada compreensão da vacuidade, nada é." Todas as diversas denominações, como *Mahamudra*, *dzogchen*, caminho do meio, intenção iluminada absoluta dos Vitoriosos, natureza intrínseca, *Paramita* da sabedoria (*sherab*), visão, meditação e ação, e assim por diante, indicam que nem a mente em si nem a verdadeira natureza dos objetos possuem qualquer realidade inerente, e estão além de qualquer intelecto e expressão. Esse único ponto pode ser tido como a síntese de todos os ensinamentos.

[25] Ao praticar dessa forma a meditação sobre a natureza da mente, o poder da devoção permite fazê-la desabrochar a partir de seu interior, tornando desnecessária qualquer coisa que seja além disso. Entretanto, a maioria das pessoas conhecem muito pouco sobre a prática meditação na natureza da mente e dessa forma, sua meditação torna-se inefetiva.

[26] A mente iludida consiste nos oito grupos de consciências impuras (*namshe tsog guiê*). A essência disso permanece como sendo o fundamento puro (*kunshi*). Para se referir a sua essência em si, o termo "mente em si" (*sem nyid*) é usado. O Onisciente Rangjung considerava que os oito grupos são: as cinco consciências sensoriais, a consciência mental, a consciência-perturbada (*nyon yid*), e a consciência-base (*kunshi namshe*). Uma vez que todas essas produzem a "consciência-instantânea" (*dema ta yid*), quando consideradas juntas, pode-se considerar como sendo nove grupos. Os sutras citam muitos termos como "consciência apropriadora",

"mente iludida", "obscuração cognitiva", e "consciência-base" (*kunshi namshe*).

Uma vez que é ensinado que a natureza intrínseca do fundamento é a virtude, ela é essencialmente a natureza de Buda auto-liberta.

Não é o fundamento em si que é removido, mas (o estado de Buda) permanece como o fundamento daquilo que é removido.

[27] Então, por exemplo, os oito grupos de consciência são como uma corda variegada que é percebida como se fosse uma serpente, apesar de essa não ser sua verdadeira natureza;

desde o primeiríssimo momento deste engano, ele já era essencialmente vacuidade.

É desde os tempos sem princípio

que a ignorância co-emergente obscurece a verdadeira natureza.

Por exemplo, o aspecto claro e límpido

de um espelho é a natureza de Buda,

e a mancha nele é a consciência-base,

também chamada de obscurecimento cognitivo ou ignorância co-emergente.

Assim como uma camada manchada, a consciência-base carrega

o conjunto dos padrões habituais, o obscurecimento das emoções perturbadoras.

A natureza essencialmente vazia da consciência

é identificada como sendo o *self*, e a realidade objetiva é projetada sobre seu aspecto luminoso.

A mente instantânea movimenta os grupos das seis consciências

e ocasiona o encontro entre objeto e (o respectivo) órgão (sensorial).

Ainda que nada seja além do que a própria mente, a aparência da dualidade predomina.

Por exemplo, quando o olho percebe uma forma,

apesar de não haver forma fora da consciência visual,

o aspecto luminosidade (claridade) é interpretado erroneamente como sendo a forma e o aspecto vacuidade como sendo o órgão.

A função da mente instantânea aglutina o processo:

a consciência visual inicialmente emerge não-iludida, livre de conceitos,

mas instantaneamente ela é suprimida e

surge a sensação da dualidade e, com ela, a sexta consciência mental.

Ao experimentar felicidade, sofrimento ou neutralidade,

surgem as discriminações do apego, da aversão e da ignorância, sendo esta a consciência-perturbada.

Então, através da rejeição ou da aceitação, é impressa na consciência-base

a acumulação da ação cármica, também denominada como "formação".

Quando a sexta mente é considerada em conjunto com a consciência-instantânea, percebendo exteriormente por meio dos cinco sentidos, ela surge como o objeto;

quando a consciência perturbada funciona em conjunto com a consciência-instantânea, voltada para dentro, ela deixa padrões habituais na base.

Deixado lá, o *karma* permanece sem efeito, como potencial inevitável, até amadurecer.

[28] Padrões habituais de virtude totalmente pura não podem ser acumulados como impressões na consciência-base. Nesse caso, a consciência perturbada se torna a mente totalmente purificada e, como esse é o remédio, a virtude é impressa na consciência primordial discriminativa.

Pensamentos virtuosos surgem a partir da radiância intrínseca da consciência-fundamental (*kunshi yeshe*).

Esta acumulação das raízes da virtude se torna a condição para a liberdade e a causa da perfeita fruição; também não pode ser interrompida ou perdida.

Com o fundamento funcionando como causa dos objetos exteriores, das faculdades dos sentidos,

e de todas as consciências entre um e outro, a consciência perturbada se assemelha às nuvens, os seis grupos à chuva, as ações cármicas aos rios, e os padrões habituais da base ao oceano.

Neste exemplo, o agente que conecta isto tudo numa espécie de continuidade é a consciência-instantânea.

[29] Para o praticante, isto significa que assim que a consciência-instantânea começar a surgir a partir da consciência-base, sem demora, você deveria pousar a atenção diretamente sobre ela.

Isto se chama liberação no primeiro momento, ou dissipação à primeira vista em certas doutrinas.

Quando a sexta consciência e a consciência-perturbada, recém-surgidas, forem reconhecidas através da lucidez e liberadas em si, a isto se chama liberação no segundo ou terceiro momento.

[30] De toda forma, já que o pensamento discursivo é a própria energia dinâmica da mente,

é impossível que pensamentos de apego e aversão não surjam.

No entanto, se você confiar na lucidez, pensamentos discursivos não acumularão *karma*.

É como verter água num pote com um buraco no fundo.

O pensamento iludido e a manifestação da lucidez que o reconhece são iguais, pois o próprio pensamento discriminativo avalia o pensamento de apego.

É como o fogo que incendeia a grama fina e seca:
 embora o fogo e a grama tenham aparecido como duas coisas,
 instantaneamente eles se tornam apenas fogo.
 Então, poderiam ser chamados simplesmente de fogo.

[31] Em suma, o nosso presente estado de neutralidade,
 a escuridão total da falta de lucidez,
 é o obscurecimento cognitivo da consciência-base.
 Chama-se também ignorância co-emergente.
 Quando um objeto e o órgão sensorial se encontram, como quando se vê uma concha
 marinha na estrada,
 no primeiro instante em que a forma é vista, é dito que a consciência visual é livre de
 conceitos.
 Mas devido a esse contato, aquilo que se denomina “sensação” ocorre,
 e então, se for uma concha branca e bela, o prazer mental e assim por diante.
 Neste ponto, com o surgimento do apego e da aversão, dá-se a chegada da
 consciência-perturbada.

Daquilo que se denomina “percepção” surge a “formação” e assim por diante:
 por meio dos doze elos interdependentes gira a roda da existência (*samsara*).
 Ainda que você tentasse bloquear a consciência visual e a consciência mental, elas não
 cessariam;
 porém, elas não têm o poder de acumular padrões habituais cármicos.
 Mas quando a consciência-perturbada tiver finalmente assumido,
 para uma pessoa comum sem acesso à visão, à meditação e à ação,
 padrões habituais impressos na base serão acumulados.
 Por essa razão, você deveria evitar estar sob seu poder.
 A consciência-instantânea é aquela que conecta todo este processo, de forma
 semelhante à força da água.

Se você compreender a importância dos oito grupos desta forma
 e for hábil em colocá-la imediatamente em prática,
 você poderá cortar a relação de dualidade dos seis grupos e seus objetos,
 e então os seis objetos dos sentidos não terão poder para atrapalhar a meditação.

[32] Este é o início (da prática) de voltar os órgãos dos sentidos e suas respectivas
 consciências para dentro.

Nesse momento, os sinais de que os dez ventos vitais amadureceram são experiências
 de fumaça, miragens, eclipses, e assim por diante.
 O poder das aparências "reais" é diminuído; e sem obscuridade, incontáveis deidades,
 esferas e assim por diante aparecem onde quer que você se concentre,
 externa e internamente, em seu corpo e em sua mente, surgindo automaticamente
 sem esforço, expectativa ou ansiedade.

Como um sinal de alcance do calor (*drod*), você não está mais interessado em comunicações e associações inúteis, e você deseja apenas permanecer na solidão sem distração. O fluxo de pensamentos é cortado e, como o céu claro, experiências ilimitadas de bem-aventurança, clareza, e não-pensamento surgem no corpo, fala e mente. No entanto, estes são apenas sinais no caminho, algumas aproximações de confiança, e não têm absolutamente nada a ver com a realização de estágios superiores. Quando essas experiências são objetivadas, elas estão sujeitas a surgir, cessar, e mudar, e não podem ser permanentes, de acordo com todos os *siddhas*. A verdadeira realização do espaço aberto da consciência primordial sem referencial (*yeshe yul med*) é denominada de "a consciência primordial da realização (*togpei yeshe*).". Nesse momento, os desejos e aversões da visão, meditação, e ação são esgotados, e simplesmente se cai diretamente sobre a mente ordinária, com a convicção absoluta de reconhecer o que tem existido lá o tempo todo, como uma pessoa contente que terminou todo o trabalho, todo esforço é abandonado: isso é a fruição final.

[33] Aparências enganosas aparecem em variedade como não-aparência. Embora aparentando aparecer, sendo essencialmente sem realidade, elas são vacuidade.

Da própria mente, consciência luminosa sem fundamento, livre de bases, você não pode dizer nada em relação à existência ou não-existência.

[34] Nos níveis mais elevados àqueles do *mahayoga*, a visão sublime é que a pureza total é inseparável da verdade do sofrimento.

Quando o absoluto é realizado através da meditação nos dois estágios, segue-se que o relativo, que é sem fundamento e base, desaparece automaticamente.

Portanto, todos os fenômenos do ciclo de existências (*samsara*), incluídos ambos aparência e mente,

não têm realidade alguma, mas surgem de qualquer maneira.

Quando isso é realizado, é a prova de que a escuta e contemplação alcançaram o seu propósito.

[35] As muitas técnicas de criação e conclusão, ambas com ou sem visualização, como rejeitar, transformar ou descansar em aparências enganosas, são métodos purificadores, e é aí que o valor de toda a prática reside.

Pensamentos de passado, presente e futuro são como ondas na água, nunca terminam.

Sem os perseguir, qualquer que seja o suporte de concentração,
o sábio dirige sua guarda de vigilância da atenção plena de novo e de novo, como um
mestre artesão fiando o fio, não muito apertado ou muito solto, mas apenas o
apropriado para o material.

Uma vez habituado a isso, a atenção plena irá ficar mais forte,
e as experiências progressivas de plena atenção (*tse tchig*) surgirão.
Não caia no chamado resíduo de mente ou consciência,
o fluxo subterrâneo da mente ordinária, mas sim intensifique a clareza.
Esse fluxo sutil pode ser mais prejudicial do que o torpor ou a dispersão.

[36] Quando você estabelece com certeza a verdadeira natureza da mente,
muitas coisas surgem, no entanto elas não têm diferenciação entre si.
Essa única coisa também não pode sequer ser compreendida por apego objetivo.
Olhando para ela, não é vista, é sem cor ou forma.
Este é um sinal do seu ser sem fundamento, livre de base, e para além do
intelecto.

Sua essência é vacuidade, a sua clareza natural,
e seu potencial dinâmico de compaixão (*tugdjay rol tsel*) surge sem inibição.
De fato, são os três corpos espontaneamente presentes o tempo todo.

[37] Você tenta bloquear pensamentos e ainda assim eles não são bloqueados -
primeiro surge um pensamento desbloqueado,
então um segundo -, deixe-os surgir.
Quando eles surgirem, envie-os para onde quer que eles possam ir e fique de guarda.
Como não há lugar para eles irem, eles voltam,
como um corvo que decolou de um navio.
Descanse como o movimento das ondas no mar.

[38] A atenção plena sem distração e a calma mental contínua
podem ser difíceis, e você deve perseverar por pequenos passos.
No entanto, é crucial manter o esforço sem desanimar.

[39] Se a persistência é estabilizada, mas o apego a ela não é liberado,
você não será capaz de superar os três reinos,
e a fachada da realização será levada para longe pelo movimento dos pensamentos.
Não se pode ver o reflexo da lua em águas perturbadas.
Portanto, primeiro desenvolva as experiências de calma mental (*shine*),
e então medite sobre a visão superior (*hlatong*); essa é a abordagem regular.

[40] Em geral, todas essas etapas até se alcançar o *mahamudra*, compõem o que se
denomina: "caminho da mente".

Dzogchen, em geral, também se inclui nisso.

A classe de instruções orais profundas (*tun mong ma yin men ngag de*)

é dita ser o "caminho da consciência" (*rigpa lam*) e, como tal,

não fixa a regra de que é necessário começar pela calma mental (*shine*).

Quando a natureza da própria consciência nua, sem exagero ou negação, é revelada,

é suficiente apenas se tornar acostumado (familiarizar-se) com isso.

No entanto, se a verdadeira natureza não for revelada sem enganos,

mesmo as instruções orais profundas serão difíceis de serem assimiladas.

Nesse caso, é melhor trilhar o caminho gradual.

[41] "Não meditação", "não distração", "abandonando ações mentais",

"mantendo o que quer que surja", "mente ordinária",

e "livre de intelecto", todos significam: sem fabricações.

[42] Tudo o que se move ou permanece (na mente) é percebido, sem que seja necessário fabricar (mentalmente) qualquer coisa.

Cuidar ou concentrar-se é certamente uma forma de agregar um pensamento delusivo a ela.

Simplesmente permanecer na lucidez crua,

chamada "reconhecendo qualquer coisa que surja" é o caminho dos *siddhas*.

Identifique-o, ou seja, reforce a lucidez da consciência.

Quando a escuridão do torpor se instalar, limpe o ar viciado

e se desperte ao cantar, gritar, se balançar e assim por diante.

[43] Nas maneiras de aplicar a prática ao próprio ser, como no caminho do meio (*uma*), pacificação e rompimento (*chöd*), *mahamudra*, e *dzogchen* comum, quaisquer pensamentos que surjam, sem fazer nada a seu respeito, você os observa diretamente, e ele se torna o caminho da liberação.

No caminho *nying tig* das instruções esotéricas do *dzogchen*,

você olha internamente para aquele que percebe os pensamentos que surgem,

e encontra a essência da realidade.

As aparências ilusórias e os pensamentos desaparecem na sua própria base, sem que se preste atenção a eles.

Eu ouvi inúmeros mestres eruditos e realizados dizerem

que as primeiras práticas referidas acima são exercidas por meio do foco em algo

"fora", guardando assim algum grau de dualidade,

enquanto a segunda é exercida por meio do foco em algo "interior/ indiferenciado", e

é o verdadeiro não-dualismo.

Mesmo que assim seja, os métodos de liberar os pensamentos

devem incluir experiências definitivas nos três estágios (apresentados a seguir por

Vimalamitra).

Sendo assim, de acordo com Vimalamitra,
 liberação sem um pensamento inicial e subsequente
 é como uma criança maravilhada ao olhar o interior de um templo:
 não há construção mental de bom ou mau a partir da percepção inicial.
 Liberar qualquer pensamento que surja na sua própria base
 é como o desemaranhar de uma serpente no espaço:
 tão logo ele aparece, ele desaparece sem precisar de um remédio.
 Liberar os pensamentos, sem tê-los como úteis ou nocivos,
 é como um ladrão que assalta uma casa vazia:
 seja lá o que aconteça, não há perda ou ganho.

[44] Em resumo, o sentido essencial é esse: compreenda os pontos essenciais da
 meditação;
 externamente, não caia sob o poder da mediocridade;
 e internamente, exerça esforço na medida certa.
 Esses devem ser tidos como os sinais de estabilidade da prática.
 Não-meditação é a exaustão do esforço.
 Embora não há nada sobre o que se possa meditar, há algo com que se habituar.
 Pelo bem da habituação, enquanto você come, descansa, vai ou fica,
 em todas as atividades, é crucial não ceder à distração.

[45] Quando estiver sozinho, você pode relaxar e manter a natureza da mente.
 Quando estiver numa multidão, os poderes da atenção plena, lucidez intrínseca (*rigpa*)
 e claridade devem ser cuidadosamente mantidos.
 Já que a lucidez-intrínseca (*rigpa*) em essência não tem existência verdadeira,
 não há nada para observar, mas há algo para se estabelecer.
 Por ser consciência-vacuidade, ela é um tanto quanto difícil de se estabelecer,
 mas quando você estiver acostumado com ela, será como reencontrar um velho
 conhecido.
 Quaisquer que sejam as aparências, sons, ou pensamentos que surgirem,
 não há sequer uma partícula disso que não seja um aspecto da consciência em si.

[46] As instruções esotéricas excepcionais do *atiyoga (dzogchen)* falam da
 distinção entre mente e a lucidez-intrínseca (*rigpa*).
 A atenção plena não pode alcançar a natureza da clara luz (*odsel*) —
 esse aspecto confuso, com movimento e memória, que é difícil de romper, é a mente.
 Sem objeto de conhecimento, a natureza da clara luz é percebida —
 esse aspecto radiante que permanece, como uma vela.
 Ela é como um espanto súbito sem um objeto conhecido,
 mas quando ela é reconhecida, a confiança é estabelecida.

É dito que a lucidez-intrínseca (*rigpa*) é vazia de movimento discursivo, não-nascida, e liberada.

Essas não são apenas palavras insignificantes nos livros.

Elas são os preceitos orais diretos dos gurus da linhagem, que são como o sangue do coração.

Eles não são revelados àqueles com compromissos (*samayas*) quebrados, sofistas, e assim por diante —

os protetores vajrayana [também] mantêm uma vigilância afiada!

[47] Não é preciso sustentar [a percepção direta] da realidade absoluta (*dharmata*) continuamente:

a recordação do incidente inicial é suficiente.

Foi ensinado por mestres Kagyu precedentes

que, por meio da meditação na essência pura, obscurecimentos cármicos de muitos eons

são purificados, e ademais, os ventos vitais entram no canal central automaticamente.

Há ainda outros benefícios muito grandiosos.

Se você conhece a própria natureza, isso é o conhecimento que tudo libera.

Quando seus poderes mentais estiverem fracos, e sustentar [essa prática], sem utilizar um objeto de suporte, for difícil,

pratique a atenção plena no estágio da criação e outras técnicas que possam contribuir a sustentar essa condição.

[48] Ao sustentar o não-foco, a prática que reúne o espaço básico e a lucidez-intrínseca (*rigpa*)

é ampliada pela mistura da fonte — a mente — com o centro do espaço

ou com o meio do oceano, para iluminar a atenção plena.

Nesse momento, a lucidez-vaquidade (*rig tong*) sem centro ou circunferência surge.

[49] Há três conceitos que podem gerar mal-entendidos:

vaquidade, calma mental e neutralidade.

Vaquidade significa além dos extremos da existência e inexistência, nascimento e cessação, eternalismo e niilismo.

Ela é uma experiência inimaginável, inconcebível e inefável.

[50] Calma mental significa pacificar meticulosamente a agitação dos pensamentos

e descansar a mente imparcialmente, sem centro ou circunferência,

permanecendo como o oceano sem ondas.

[51] Neutralidade é quando o poder da consciência atenta enfraquece,

e você busca os movimentos mentais sutis.

Quando a consciência lúcida (*dren rig*) surge, é como em retrospectiva.
É como água correndo na grama:
você só nota quando ela sai do outro lado.

[52] Durante a meditação, se um estado de neutralidade acontece,
isole, isto é, fortaleça sua atenção plena.

Quando um torpor escuro se estabelecer, expire o ar velho
e desperte ao cantar, gritar, balançar, e assim por diante.

[53] Quando pensamentos de raiva surgirem vividamente,
se você os observar diretamente e relaxar na ausência de fabricações,
eles desaparecerão na sua própria base sem dano nem benefício.

A consciência primordial auto-gerada é simplesmente isso.

Aquilo que surge vividamente num estado livre de elaborações
pode assumir a forma da raiva mas, essencialmente,

é a própria consciência primordial (*yeshe*).

Na esteira da raiva que se dissipa, a radiância da vacuidade não precisa ser perseguida.

Essa vacuidade sem ponto de referência é aquilo a que se denomina “unidade”,

assim como Vajrasattva e os demais.

Aplique isto também às emoções perturbadoras, como o desejo e assim por diante.

[54] No sentido completamente perfeito, não há meditação nem nada em que meditar.

Quando a atenção plena (*drenpa*) por si só é suficiente, esse é o pico da prática.

No sentido último, nem mesmo a atenção plena existe.

Quando a base da atenção plena é dissolvida no espaço, falamos de consciência
primordial (*yeshe*).

Assim como o fogo também se extingue quando o combustível acaba,

o próprio antídoto é eliminado quando o engano acaba.

Esta é a esfera de atividade de todos os Nobres.

[55] Não é meditação nem não-meditação.

Não sendo meditação, não há nada em que focar,

e não sendo não-meditação, não há qualquer distração.

Simplesmente posicione a mente na compreensão da natureza da realidade.

Isto não é um objeto-pensamento da mente racional,

porque o absoluto transcende o intelecto, e é livre de pontos de referência.

Se a íntima conexão entre pensamento e objeto não for rompida,

ainda que você o denomine “livre de fabricações”, ele não poderá desfazer o engano.

Separar o sujeito que percebe e o objeto externo

pode ser denominado auto-surgido auto-liberado, mas é ainda dualidade.

É auto-surgido auto-liberado quando não há antídoto.

[56] A própria mente de cada um é como a criança que aparece para a mãe. Como bolhas surgindo na água, as aparências surgem a partir do apego, mas se você souber que esse é o jogo da não-dualidade, então é isso que significa que aparência e mente sejam como o encontro entre mãe e filho.

Você não encontrará aceitação ou rejeição da existência cíclica e sua transcendência, bom e mau, realizado e não-realizado –

vacuidade e conclusão sempre estiveram presentes.

Toda visão, meditação e ação estão incluídas nisso,

e já que todos os compromissos a serem preservados também estão incluídos nisso, o *dzogchen atiyoga* ensina

quatro compromissos a serem preservados que são mantidos ao não preservar.

Permanecer sem interrupção na preservação é o compromisso da “não-existência”, estar livre da dualidade é “equanimidade”,

que tudo seja perfeito na mente é “singularidade”,

e esta conclusão em si mesma, sem nada a mais é “espontaneamente perfeita”.

Esta é a intenção última dos Vitoriosos dos três tempos.

[57] Não se preocupe com a análise dos sonhos ao acordar de manhã nem com os demais métodos que convidam o pensamento discursivo.

Ao descansar na lucidez durante a prática iluminada,

a claridade e a nebulosidade da lucidez de hoje irão se destacar.

[58] Não compreender a rejeição e a aceitação; a falta de devoção pelo Dharma, comportamento compulsivo e descuidado, e excessivas emoções perturbadoras – se estes quatro estiverem presentes, os erros e as faltas cairão como a chuva.

É como se os quatro alçapões que conduzem às quedas estivessem escancarados.

Mas se você se mantiver conscienciosamente lúcido,

até mesmo as emoções perturbadoras se tornarão grande sabedoria;

que necessidade há então de mencionar que todo o resto se tornará virtude?

Todos os pontos essenciais da aplicação da prática no dia-a-dia são mantidos pela lucidez.

Sem lucidez, você nem sequer se lembrará desta aplicação,

e sua mera existência (da aplicação) não será de nenhum benefício.

Você deve proceder de forma direta com uma atitude direta.

Confiar na atenção conscienciosa em todas as atividades

é como ter o próprio Shakyamuni como seu companheiro constante.

[59] Consagre comidas e bebidas como néctar com OM AH HUNG,

e antes do almoço recite os versos breves ou extensos do

Sutra da Lembrança das Joias.

Imagine seu próprio corpo como sendo a divindade, e no topo da cabeça, na garganta e no coração,

as cem divindades iradas, detentores-do-conhecimento e divindades pacíficas, e medite principalmente na inseparabilidade com seu guru-raiz.

Imagine seus poros preenchidos com detentores-do-conhecimento, dakinis, e assim por diante,

como um saco transbordando de sementes de sésamo;

num estado de lucidez voluntária, participe sem apego.

Não importa que você veja isto como comida e bebida comum;

o que quer que você coma se tornará um banquete sagrado.

[60] Outras aplicações (da prática) para a vida diária são o guru yoga, as atividades de bodhisattva, práticas dos estágios de criação e conclusão, e assim por diante.

Você pode receber do seu guru qualquer meditação que desejar.

[61] Tudo que é composto é impermanente, tudo que é maculado é sofrimento, transcendendo a miséria, todos os fenômenos são paz e vacuidade –

estes são os quatro selos que distinguem a visão budista genuína.

Oferecer bolos a Jambhala, uma pitada de comida ao Saqueador,

e água aos espíritos de gargantas estreitas e bocas flamejantes –

estes são os quatro selos que distinguem a atividade budista genuína.

Se você mantém estes oito selos de visão e ação,

você é um seguidor dos Vitoriosos; caso contrário,

você não é um discípulo – isto foi ensinado por Shakyamuni.

[62] O Senhor do Refúgio no Tibet e em Kham é Orgyen.

Se lembrando de sua bondade e de seu exemplo de vida, suplique a ele.

A divindade da boa fortuna no Tibet é O Grande Compassivo.

Recite diligentemente o mantra de seis sílabas.

[63] Os pontos essenciais e profundos para que a consciência primordial se expresse naturalmente são estes:

uma vez que os ventos vitais da dualidade são naturalmente puros,

segure sem esforço o vento intermediário.

Uma vez que tudo o que aparece é a porta para o surgimento da consciência primordial,

abra o grande canal de cristal *kati* para o céu.

Uma vez que tudo o que surge é liberado sem foco sobre ele,

concentre-se na letra HUNG como a essência de sua mente.

Se você possui esses três pontos essenciais especiais,
você chegará facilmente ao lugar primordial dos vitoriosos.

[64] Além disso, de manhã logo que você se levantar,
depois de limpar o hálito velho, aplique HUNG AH OM
para a expiração, pausando, e inspirando, contando vinte e um ou uma centenas de
vezes.

Imagine que toda a sua respiração durante o dia é assim.
Quando for dormir, aplique as três letras para exalar, inalar, e pausar,
e imagine que toda a sua respiração durante a noite é assim.
Ao fazer isso, suas 21.600 respirações diárias tornam-se um mantra
e a exigência de recitação da divindade é cumprida sem dificuldades.

[65] O rei do Dharma, o insuperável Dagpo,
disse que não há abordagem mais profunda do que
olhar para a essência e segurar algumas respirações "suaves"
enquanto se faz uma profunda recitação mental, incorporando-a assim com a vida
humana cotidiana,
e ocasionalmente orando para o guru, fundindo ambas as mentes.

[66] Ao ir dormir, traga para o centro do seu coração o guru que estava no topo de sua
cabeça,
abandone o ir e vir dos pensamentos, das memórias e de toda atividade mental,
e relaxe num estado não-distraído de devoção e prece.
Então, a clara luz surgirá gradualmente a partir do sono profundo.

[67] Se quiser fazer a meditação do reconhecimento, mudando, expandindo e
purificando sonhos,
é preciso manter uma atitude durante o dia de que todas as aparências são [como]
sonhos,
e então será fácil lidar com sonhos.
Se você tende a solidificar as aparências durante o dia,
então à noite, mesmo se você reconhecer os sonhos, a prática será difícil.
Também, para cortar a existência intermediária (*bardo*)
você precisa ter cortado a experiência do sonho.
Se você não perceber que todas as aparências vigeis¹ são como sonhos ou ilusões,
então uma vasta massa de ilusão obscurecerá outra.

[68] Em geral, impermanência, amor e compaixão,
devoção, estágio de criação, ioga dos sonhos, ioga do corpo ilusório,

¹ Enquanto estamos acordados.

existência intermediária iogue, e assim por diante; todas aquelas práticas que requerem habituação,

devem ser aplicadas de forma consciente durante as quatro atividades diárias.

Assimilando-os rapidamente, eles se tornarão parte de seu ser.

Alguém como eu que não consegue se lembrar de praticar o Dharma sinceramente não misturou o Dharma com seu ser.

No entanto, devido à boa influência previamente acumulada de karma virtuoso, eu tenho fé sincera nos ensinamentos de Buda,

e com apenas isso tenho a intenção de beneficiar outros.

Esta é a causa primária [para esta composição], e a causa secundária foi o encorajamento do amigo espiritual Shrimen, que perfeitamente possui os três treinamentos.

Eu não escrevi por meio dos meus próprios dons, mas sim como um papagaio imitando uma conversa de Dharma.

Que as raízes desta virtude prestem serviço ao glorioso Karmapa

e à linhagem de gurus e discípulos.

Que a expansão de suas atividades iluminadas traga todos os seres em todo o espaço ao domínio do estado de Vajradhara em uma única vida.

CÓLOFON

A pedido do amigo espiritual Karma Palden, um assistente do décimo quarto Senhor Onisciente dos Vitoriosos (Karmapa), e cuja mente é totalmente devotada ao significado definitivo, eu, Karma Ngawang Yonten Gyamtso, portando meramente os sinais de um monge budista, na idade de vinte e sete anos, gradualmente ditei este texto e ele o transcreveu. Por meio disto que sejam destinadas gloriosas qualidades de cura para a doutrina e para os seres. Em todos os tempos e direções possa a glória prevalecer. Que a gloriosa chama da boa fortuna adorne o mundo. Virtude! Virtude!